

GALATÉA EGLOGA.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE

POR

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO.



10

LISBOA

NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

M. DCC. LXXXIX.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral jobre o Exame, e Censura dos Livros.

10

GALATEA
E GLOGA

DE S. ANTONIO DE CARVALHO

FOR

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO



LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES

MDCCLXXXII

Small, faint text at the bottom of the page, likely a library or archival stamp, including the name 'BIBLIOTECA DE S. ANTONIO DE CARVALHO'.

AO LEITOR.

ESTA primeira Egloga, há 16 annos impressa, agora faço-a reimprimir para tirarlhe as lizongeias Cartas, para emendar-lhe algumas passagens com melhor escolha, para curar-lhe alguns vicios gerados por aquelles, que duas vezes a reimprimirão a pezar do meu gosto, e para ligar ambas as Partes, porque a primeira dá a materia para a segunda.

Se me increparem, porque faço domavel o Gigante Polyfemo, contra a opiniaõ dos melhores Poetas, respondo: He verdade, que a Fabula nos mostra este Cyclope hum monstro de crueldade, de extraordinarias forças, e destemido: hum tragador de seis companheiros de Ulysses, e delle mesmo o feria, se astuciozo não lhe fugisse: hum soberbo em fim, que declamava, que nem ao mesmo Jupiter temia; mas pergunto: Este Gigante era humano, ou não? Todos me dirão, que sim. Pois se era humano, era sujeito ao imperio da Razaõ, com cujas armas o ataco, e o venço: e so feria inve-

rosimil , se eu com a razão accommettesse hum Tigre , hum Leaõ , huma Serpente. Se os mais não pizáraõ esta estrada , porque não quizeraõ ; pizo-a eu , porque quero , e porque posso , sem atropellar a verosimilhança.

Se alterò o character da Egloga , se me aparto da simplicidade pastoril , se faço inflammam Polyfemo , e respirar vingança : he porque eu não pinto hum da aquelles Pastores do Século de oiro , em que reinava a mansidão , e o soccego de espirito ; pinto hum Cyclope , hum Pastor ferino , que abrazado no ciume , e na ira , deo bárbara morte ao mancebo Acis , lançando-lhe em cima hum penhasco : catástrofe , que eu não pinto , por não fazer huma Egloga com espirito de Tragedia.

Eu tive a fortuna , de que alguns homens (discretos homens !) dissessem , que não era minha a minha Egloga Deploratoria intitulada JOZINO na chorada morte do Principe o Senhor D. JOZE'. Eu serei feliz , se agora tiver a mesma fortuna , porque se esses contrastes duvidarem de ser minha esta obra , boa será ella pela sua avaliação. Esses , que duvidaõ , examinem , busquem , descubraõ o legitimo Author , e o mos-

62

mostrem para gloria sua , e deseredito meu. Conheça o mundo o homem virtuozo , o homem raro , que se cançou naquella composição , para renunciar em mim a posse , o lucro , e o credito della. E se eu a furtei , onde estás homem roubado , que não acodes ao teu cabedal , sabendo , que em meu poder existe ? Denuncia-me ; elama justiça contra mim. Ah ! Ninguem fala ? Ninguem me accuza ? Pois accuzo-me eu ; mas he da temeridade de emprehender a guerra sem ter armas : de querer lugar na República das Letras sem ser Cidadão de Athenas : de fazer Versos sem beber da Castália , sem soccorro das Muzas , sem conhecer Apollo. Os Versos (toscos Versos) que ha trinta annos escrevo , são os denunciantes , as testemunhas , e os Juizes do meu crime. Accuzem-me , como eu me accuzo deste delicto ; porêm não de roubador , officio infame , que não cabe em almas honradas ; mas se os criticos me arguïrem pelos pobres , infulfos Versos ; devem igualmente attender em minha defenla , que estes se não tem mel , tambem não tem veneno : se não deleitaõ , tambem não ferem. Isto supposto , façaõ-me justiça.

(7)
G A L A T É A
E G L O G A .
PRIMEIRA PARTE

INTERLOCUTORES:
 POLYFEMO, E LAURINDO.



P O L Y F E M O .

A H! Campos, campos meus! Vós, que algum dia
 Me servieis de amavel companhia:
 Vós, que os ouvidos daveis ao meu canto,
 Prestai-mos hoje, para ouvir meu pranto;
 Se bem, que affás me custa magoar-vos,
 Depois de comi meu canto deleitar-vos;
 Mas eu adoçarei a vossa mágoa,
 Dando-vos de meus olhos rios de agoa:
 Com ella floreçei para os viventes,
 E á custa do meu mal vivei contentes,
 Que eu não vos lograrei, não; nem já agora
 A minha morte póde ter demora:
 Os Ceos a mandem, que em tormentos fortes
 Humã morte he melhor, que muitas mortes.
 Ah! Campos, se vós fosseis animados,
 E ponderasseis bem os meus cuidados,
 De mim aprenderieis, que a ventura,
 Ao que nasceo feliz, he, que procura;
 E áquelle, que nasceo já desgraçado;

Sem-

(11)

De ver a bella acção, em que ella estava.
O branco rosto sobre o curvo braço,
Outra mão tambem curva no regaço :
O corpo reclinado sobre a fonte,
E a curta sombra, que lhe dava o monte,
Só mêtade do rosto lhe cubria,
Que muito mais formóza inda a fazia.
Eu, que só me detinha em admirála,
Semque tivesse intento de acordála;
Como de gosto estava arrebatado,
Semque eu sentisse, cahe-me o cajado :
Dá-lhe nos pés : acorda ella assustada,
Vê-me, levanta-se, e com voz irada
Me diz : » Vil, só comigo ! Que fazias ?
» Dize : acaso offender-me pertendias ?
» Se por gigante intentas de vencer-me,
« Matar-me poderás ; mas não render-me :
» Que a minha honestidade he tão constante,
» Que não cede á violencia de hum gigante.
Não, (eu lhe respondi) não te offendia :
Nem de ti outra cousa pertendia,
Mais do que ao menos, pois te não lograva,
Ver-te : e só com te ver me contentava.
Se nisto te offendi, ou me desculpa,
Ou me castiga, se me achares culpa :
Que se eu da tua mão for castigado,
Serci ditozo, se antes desgraçado.
Mas dize-me, cruel, se me estimaste,
Porque razão sem culpa, me deixaste ?
E se indigno me achavas para amante,

Mas se este acha hum rafeiro, que o extingue,
Tambem ella achará, quem bem te vingue:

E no entanto o melhor he esquecêla,
E, se possível for, nunca mais vêla.

POLYFEMO.

Tambem, deixar de a ver he impossivel,
Porque sem vêla, a dor mais infoffrivel

Creio, que dentro n'alma padecesse,
Como a flor, que sem Sol murcha; é não cresce.

Ah! Se eu agora a visse, e lhe falasse,
Talves, que a meus gemidos se abrandasse:

E póde ser, que a achasse arrependida
De perder, quem por ella perde a vida.

Oh quão feliz seria a minha sorte,
Se ella abrandasse aquelle genio forte!

Do desprezo, e d'affronta eu me esquecêra,
Se hum rizo, se hum final de amor me dera.

Tudo, tudo por ella perderia:
Sem gado, sem choupãna ficaria:

Sujeitar-me-hia pelos seus amores,
A viver das esmolas dos Pastores:

Pois sem lográla, tudo me he penozo,
E logrando-a, sou pobre; mas ditozo.

LAURINDO.

Se amas com tanto extremo a huma traidora,
Que mais fizêras, se fiel te fora?

POLYFEMO.

Esta alma, que me anima, se pudesse,
Creio, que em paga d'esse amor lha d'esse:

LAU-

L A U R I N D O.

Amando-te , era justo premiála ;
 Mas desprezando-te , he loucura amála :
 Sim , que o homem não mostra ser discreto ,
 Amando a falsa , que tem outro objecto :
 Pois daqui nasce a mancha da deshonra ,
 E antes se perca a vida , do que a honra.
 Que se havia dizer na nossa Aldea ,
 Se depois dessa ingrata Galatéea
 Por outro te deixar , tu a buscaffes ,
 Esquecido d'affronta inda a estimaffes ?
 E não tremias , não te envergonhavas
 De dizerem , que a honra desprezavas ?
 Ah ! Querias do amor ser arrastado ,
 Perdendo a fama , e credito de honrado ?
 Dize , responde , a fala não escondas ;
 Mas ou me vence , ou nada me respondas .

P O L Y F E M O .

Nada responderei por defender-me ,
 Pois por sabio chegaste a convencer-me :
 Se a paixão me cubrio de escuridade ,
 Tu me mostraste as luzes da verdade :
 Agora já conheço , que essa impia
 Mais féra , que o dragão , que o monte cria ,
 Nem amor , nem piedade já merece ,
 Pois por outro me deixa ; e assim se esquece
 Da fé , que me jurou , e da lealdade ,
 Com que sempre a tratei ; que a falsidade
 Não podia caber n'um peito amante ,
 Que ainda offendido mostra ser constante :

Eu ,

Eu , que até ás Pastoras , quando as viã ,
 Nem ainda , o Ceo vos guarde , lhes dizia :
 E se acaso de longe as avistava ;
 Por lhes fugir , a estrada rodeava :
 Tudo isto por fineza áquella infame ;
 Que , só tão feio nome , he bem , lhe chame ;
 Porque a saber , que ás outras eu falava ,
 Não julgasse , que alguma me agradava ;
 Porém que premio vim a tirar d'isto ?
 Sabes o que ? Com todos fer malquistos :
 Desprezarem-me todos , ver-me agora
 Aqui só , sem amigos , nem Pastora ;
 E a falsa , tanto extremo desprezando ,
 Amar outro , e ficar de mim zombando !
 E soffro tal injúria sem vingar-me !
 Poderei socegar sem despicar-me !
 Não , não socegarei , que hum peito irado
 Soccega só depois de estar vingado .
 Sim , vou já despicar-me . . . Mas que intento !
 Que faço ! Aonde vou ! Que pensamento
 He este , que me occorre ! Ó quanto errado
 Gyra o discurso de paixão cercado !
 Eu matar Galatée ! Ó que vileza !
 Naquella rara imagem da belleza
 Descarregar o golpe penetrante !
 E havião ver meus olhos nesse instante
 Aquelle brando peito traspassado !
 O rosto , bem qual Sol quando eclipsado !
 E os olhos , que daquelle Sol são raios ,
 Perdendo a luz na sombra dos desmaios !

Aquel-

Aquellas lindas faces: tão coradas
 Eui pôderia vêlas desmaiadas!
 A boca rubicunda, e graciôza,
 Bem qual entre jasmins a linda roza:
 Eu teria valor; teria vida;
 Para vêla sem graça, amortecida!
 E havião refutar-lhe os meus ouvidos
 O pranto, os ais, e os ultimos gemidos:
 Já com trémula voz; e a cada instante
 Vêla: convulsa; afflicta; e delirante,
 Sem alento, sem cor, desfalecida,
 Dando hum suspiro, e acabando a vida!
 Oh Ceos! Que horror concebo em ponderálo!
 Eu tremo; gélo-me, e de dor effálo:
 Que coração tão bárbaro haveria,
 Que obrasse tão enorme tyrannia?
 Eu teria valor, se a offendesse,
 Para vêla morrer, sem que eu morresse?
 Não, não; teria tanta impiedade;
 Que vendo cahir morta huma Deidade;
 Não me sahisse deste infano peito,
 O duro coração de dor desfeito.
 Nem mais contemplar quero tal desgraça,
 Que parece, que o Ceo já me ameaça,
 Que a terra vejo abrir, que já comigo
 Se abate, e me confunde por castigo.
 Ah! Minha Galatêa, vive embora,
 Bem que me sejas infiel, traidora:
 Ainda te amo, se bem, que o não mereças;
 Eu padeça, mas sem que tu padeças:

(17)

Vive feliz , e logra o teu amante :

Oh justos Ceos , que dor tão penetrante !

Mal posso respirar , que até o alento

Mo soffoca a violencia do tormento.

Vai-te , amigo , e me deixa só hum pouco ,

Que eu não estou em mim , eu estou louco :

Oh ! Venha embora a morte rigoróza

Acabar-me esta vida tão penóza.

LAURINDO.

Deixa , amigo , esse louco desvario ,

Que o ser de homem deslustra , offende o brio :

E que o Mundo dissesse pertendias ,

Que por huma mulher enlouquecias ?

POLYFEMO.

Tambem dirá , que não me altera a offensa ,

Pois toléro a inimiga na prezença.

LAURINDO.

Perdoando-lhe tu por generoso ,

Que ha de o Mundo dizer ? Que es virtuozo !

Mas se a fraca mulher ímpio punias ,

Só de cobarde o nome vil terias.

POLYFEMO.

Sim , perdoadá está : eu lhe perdoó ,

Pois da sua fraqueza me condeo ;

Tambem , porque talvez seja innocente ,

Se bem que a culpa a accuze delinquente ;

Galatéea he honesta , he reccatada :

Pois quem duvida , fosse requestada

D'aquelle Ácis traidor , e que a enganasse

Com vaás promessas , para que o amasse ?

LAU-

LAURINDO.

Penfas bem que a mulher de honesto estado,
 Se dá seu coração, sempre he rogado;
 Se bem que o rogo algumas não convence;
 Mas a feia ambição a muitas vence.

POLYFEMO.

Sim? Pois hoje verás, que a minha ira
 Só contra aquelle infame se conspira:
 Elle, por me arrancar de amor a palma,
 Me roubou a doce alma da minha alma,
 Vista dos olhos meus, bem como estrella,
 Que luz me dava, para poder vella.
 Clara luz, doce vida, alma precióza,
 Tudo perdi. Ó scena lastimóza!
 Tudo o vil me roubou; porê m protesto
 Fazer o seu castigo manifesto
 Ao Ceo, á terra, a todos os viventes:
 Elle me offende, as culpas são patentes;
 Pois o proprio delicto he, que o condena,
 A que segundo a culpa, sinta a pena.

LAURINDO.

Queres que a morte de Ácis justifique
 Huma céga paixão, hum vil despique?

POLYFEMO.

Quero, porque da injúria não se gave,
 Que o proprio sangue a sua culpa lave:
 E se neste lugar já o apanhára,
 O coração do peito lhe arrancára.

LAURINDO.

Dize: se a Galatêa perdoaste,

De-

Depoisque a culpa enorme lhe provaste,
O Pastor, que he talvez menos culpado,
Porque não he, como ella, perdoado?

POLYFEMO.

Ella sim me offendeo; mas obrigada,
E merece perdão por violentada;
Mas elle não he digno de clemencia,
Pois mais culpado está pela violencia.

LAURINDO.

Aqui não ha violencia, ha certa culpa,
Que Amor condemna, e logo Amor desculpa,
Delicto immensas vezes praticado
Porquem ama, e pertende ser amado.

POLYFEMO.

Affim se obra; mas sempre he falsidade,
Quando offende as leis santas d'amizade.

LAURINDO.

He máo quebrar a Lei; mas que te espanta,
Se ella te jurou fé, e a fé quebranta?
Polyfemo, discorre mais prudente;
Vence-te a ti, se queres ser valente:
Eu teu amigo sou, eu sou mais velho,
Tu, que es mais moço, toma o meu conselho:
No falso Amor não faças confiança:
Desterra a ira, fuge da vingança,
Que esta inquieta, aquella te amosina:
De qualquer dellas sempre vem ruina.
Males, que tu não queres supportálos,
Não devcs para os outros dezejálos,
Que ás vezes são, qual pedra despedida,

Que no mesmo, que a deita, abre a ferida:
Queres a morte de Ácis? Não ponderas,

Que pôde em ti cahir, se nelle a esperas?
Teme o Ceo vingador, teme-lhe a ira:

O Ceo, que a vida dá; so elle a tira:
So elle sobre as vidas tem dominio,

E não deves oppor-te ao seu desígnio;
Nem ao menos vingar-te levemente

Poderás, sem que fiques delinquente.

Clha, que para Jupiter Supremo

He menos, que hum mosquito, hum Polyfemo.

A' voz so do seu raio penetrante

Treme de susto a rocha mais constante.

Foge, foge de o veres irritado,

E não faças, que a mão levante irado.

Ah! Já mudas de cor, tremes, e pensas?

Pois a ti mesmo, espero, que te venfas.

POLYFEMO.

Tremo de confusão, e de inim tremo;

Os castigos do Ceo respeito, e temo;

Mas o affecto, a paixão, a honra, a offensa

Não me deixão acção, em que eu me venfa:

Vejo a justa razão, quero seguila;

Mas a paixão vem logo a destruíla:

Que este meu coração nunca descança

De chamar-me ao caminho da vingança.

LAURINDO.

Qualquer paixão, qualquer impaciencia

Se vence com discurso, e com prudencia.

POLYFEMO.

Tão desgraçado sou, que neste empenho

Nem já discurso; nem prudencia tenho:

Quem vio tão enredado labyrintho

Como este, que na idéa, e n'alma sinto!

Deozes, se justos sois, ou dai-me a morte,

Ou me livrai de confuzão tão forte:

Eu se vingar-me vou, me precipito;

Porque aos Deozes offende o meu delicto:

Se affento em perdoar, não persevero,

Porque, em vendo o offensor, logo me altero;

Porém hum novo meio já me occorre:

Melhor acerta, quem melhor discorre.

Eu não quero incitar ao Ceo clemente,

Mas para não vingar-me do insolente,

Eu fugirei de o ver, que ao vélo, logo

A cinza quente exhalaria fogo.

Deixarei estes montes, estes prados,

Que a verdura me davão para os gados:

Irei viver nas mais occultas brenhas,

Onde gente não veja, mas só penhas:

Da vingança, e d'affronta assim me privo,

E ninguém, sabe se sou morto, ou vivo.

LAURYNDO.

Resolves bem, amigo; sim, he justo,

Fugires do perigo a todo o custo;

Porque busca a desgraça todo aquelle,

Que vendo o damno, não se aparta d'elle:

Perea-se a Patria, perea-se a fazenda,

Perea-se tudo, e nunca o Ceo te offenda.

Tn-

Tu fim perdes lavouras , e o ferrado ;
 Mas o Ceo , que effes bens te havia dado ,
 Te dará n'ovos campos mais extensos ,
 Donde possas colher frutos immensos :
 Quem perder pelo Ceo , fique esperando ,
 Que em vez da perda , ficará lucrando :
 Se a tua choça perdes , caro amigo ,
 A minha he grande , vivirás comigo :
 Para a tua lavoura dar-te-hei terra
 Da campina , que tenho , além da ferra ;
 Dar-te-hei duas palmeiras mui frondozas ,
 Donde colhas as tâmaras gostozas :
 Dar-te-hei duas formozas aveleiras ,
 Tórtas sepas , viçozas oliveiras :
 E do mais fruto , que o Ceo der , pendente
 Repartiremos ambos irmaãmente.
 Para o gado lá tens viçóza relva ,
 Lá tens para o recreio a linda selva ,
 Onde acharás hum bosque mui sombrio ,
 De huma parte arvoredos , d'outra hum rio :
 Alli se ouvem os pássaros cantando ,
 Alli se escuta o rio murmurando ,
 Nelle andão de contino os pescadores ,
 Nelle pescão tambem alguns Pastores
 O saborozo peixe á longa cana ,
 Ou com o iscado anzol , que mais o engana :
 Em fim , he campo ameno , he delectavel ,
 Fructuóza a terra , o clima saúdavel :
 Lá vivirás , amigo , descansado ,
 Sem ver a causa do mortal cuidado :

Pois

Pois naquella distancia por extensa
 Não vês o offensor, nem vês a offensa.

POLYFEMO.

Difereto amigo, amigo verdadeiro,
 Tu foste dos humanos o primeiro,
 Que me soube vencer: eu que algum dia
 Nem a razão, nem Deozes conhecia,
 Hoje a razão abraço, os Deozes temo:
 Tu me fizeste hum novo Polyfemo.

LAURINDO.

Convence-te a razão, porque es humano,
 Que a razão so não doma ao bruto infano.

POLYFEMO.

Oh grande, oh raro exemplo d'amizade!
 Oh coração gerado de piedade!
 Despido d'ambição, e d'avareza,
 So inclinado á mízera pobreza!
 Deixa, que por mostrar-me agradecido,
 A teus honrados pés chegue abatido;
 E esta boea, por quem serás louvado,
 Beije o chão duro, dos teus pes tocado.

LAURINDO.

Suspende, Polyfemo, eu não pertendo
 A tua gratidão, antes me offendo,
 De a meus pés te prostrares abatido,
 Acatamento so ao Ceo devido.

POLYFEMO.

Oh quanto es digno de louver completo,
 Por liberal, humilde, e por difereto!
 Aprenda o avarento ambiciozo

A fer mais liberal, mais caridozo :
 O que da fanta, e mízera pobreza -
 Foge, como quem foge da vileza,
 Veja, que o rico, o poderozo, o nobre
 Talvez chegue a pedir esmola ao pobre:
 Esse, que as minas abre, e colhe o ouro,
 julgando a vida ter no seu thezouro,
 Veja, que a vida, e ouro n'um momento
 He como o fumo, que consome o vento:
 Siga os teus passos o soberbo inchado,
 Que julgã, que a ventura tem ao lado:
 Olhe, que a secca o grosso rio esgota,
 E até com vento o cedro se derrota.
 Longe; longe de nós, ó vicio forte,
 Vicio mais feio, do que a feia morte.

LAURINDO.

Não terão parte em nós vicios danados,
 Nem pizaraõ a flor dos nossos prados:
 Que esta laã, que nos cobre, esta pobreza
 Contra o vicio nos ferve de defeza.
 Vamos gozar a fanta paz ditóza,
 Vamos colher a fruta saboróza
 Da minha bella Aldêa: vem amigo,
 Que eu não me auzento, sem que vás comigo.

POLYFEMO.

Vamos; mas ah Laurindo, quem diria,
 Que por huma mulher, por huma impía
 Eu havia deixar a minha Aldêa,
 E ir d' esmolas viver na terra alhêa?
 Oh triste Polyfemo! Oh desgraçado!

De

(25)

De ti deves queixar-te, e não do fado:
 Em mil exemplos o perigo viste,
 Devias fugir d'elle, não fugiste?
 Pois agora o teu erro irás pagando,
 E o damno sem remedio lamentando.
 Tome exemplo de mim, o que ama cégo,
 Julgando ter no amor todo o soccego,
 Veja a minha desgraça, e tema o dano,
 Que sempre nasce d'esse amor profano:
 Não prenda a doce, a amavel liberdade,
 Já que o Ceo lhe quiz dar livre a vontade:
 Fuja do amor; e guarde esta doutrina,
 Se quizer viver longe da ruina.
 Mas ah! Nem ja do amor quero lembrar-me,
 Que he facil outra vez precipitar-me.
 Adeos, ó campos meus, campos amados,
 Que me daveis o fruto, e pasto aos gados:
 Já não hei de ferir vossos ouvidos,
 Nem já respondereis aos meus gemidos.
 Adeos, ó rio meu, que me obrigavas,
 Quando ao meu gado tuas aguas davas;
 Mas pago ficas, que essa grossa enchente
 A augmenta dos meus olhos a corrente.
 Adeos, plácida fonte, onde algum dia
 Se alegre rias, eu alegre ria:
 No prazer te imitei; mas hoje afflicto
 Só no pranto, que verto, he que te imito.
 Lembra-te, ó fonte, que a cruel Pastora,
 Essa, que sem razão me foi traidora,
 Por ti jurou, que essa agúa lhe faltasse,

Se

Se ella de amor a pura fe manchasse:
 Agora deves, pois faltou perjura,
 Por castigo negar-lhe essa agua pura:
 Como ella contra si justiça pede,
 Ou procure agua longe, ou morra á sede;
 Mas ah! Que digo! He muita crueldade:
 Não, não lhe negues agua por piedade,
 Tem della compaixão, dá-lhe desculpa,
 Basta so, que a castigue a propria culpa.
 Adeos, ó prado ameno, as flores bellas
 Eu te roubei para tecer capellas:
 Perdoa-me, e talvez que inda melhores,
 Que á custa do meu mal terás mais flores:
 E apague a minha culpa, que te agrava
 Este pranto, que humilde os pés te lava.
 Adeos! Pastores, doces companhias
 Dos meus passados, e felizes dias;
 Porém dias tão breves, quanto he breve
 No Inverno a calma, no Verão a neve:
 Se o meu canto aprendestes algum dia,
 No tempo da ventura, e d'alegria,
 Hoje do meu desgosto, e do meu dano
 Podéis lucrar mais util defengano,
 Vendo, por breve ser minha ventura,
 Quanto a gloria do Mundo pouco dura:
 Que apenas nos faz ver hum falso gosto,
 Logo atrás d'elle vem maior desgosto.
 Adeos, ó Galatéa; mas que digo!
 Cuidei; que tinhas inda o nome antigo;
 Mas não deves ter já nome de humana,

(27)

Sendo Leão feroz , víbora infana :
 Fica-te embora em paz , e só te peço
 De mim t' esqueças , que eu de ti m' esqueço
 Sim , farei , que não tornes a lembrar-me
 Para querer-te ; nem para vingar-me :
 E poderemos só ficar lembrados
 Do exemplo , com que fomos doutrinados ;
 Mas vê , quanto differem as doutrinas ,
 A que eu te dei , daquella , que me ensinas :
 Eu te ensinei a ser fiel , constante ,
 Tu me ensinaste a ser falso , inconstante ;
 Mas nunca me seguiste a lealdade ,
 Nem eu soube seguir-te a falsidade ;
 Porém essa doutrina , inda que inutil ,
 Estimo-a , porque em parte me foi util :
 Se até aqui das Pastoras não fugia ,
 Porque a sua traição não conhecia ,
 Já dellas fugirei defenganado ,
 Como quem foge do animal danado :
 Longe , longe de mim impias tyrannas ,
 Ide viver com féras deshumanas :
 Em fim , parto a morrer : Adeos , Pastora ,
 Adeos , ímpia : Adeos , falsa : Adeos , traidora .

(29)

S O N E T O.

Novo exemplo aqui tens, mízero humano,
 Que incensas os Altares da vaidade,
 Aqui te mostro a estrada da verdade,
 Por onde ao Templo vás do defengano:

De Polyfemo o lamentavel dano,
 De Galatéa a horrenda falsidade
 Te excitem a fugir da crueldade,
 Que he premio certo desse amor tyrano:

Elle confome os bens, a honra offende,
 O soccego perturba, arrisca a vida,
 E o coração mais livre asalta, e rende:

Ah! Destroe essa mão fera, homicida,
 Rompe os duros grilhões, com que te prende,
 Quebra-lhe as fetas, ficará vencida.

G A.

SOME

The first part of the book is devoted to a general
 introduction to the subject of the history of the
 world, and to a description of the various
 countries and peoples which have been known
 to man since the beginning of the world.
 The second part of the book is devoted to a
 description of the various countries and
 peoples which have been known to man
 since the beginning of the world.
 The third part of the book is devoted to a
 description of the various countries and
 peoples which have been known to man
 since the beginning of the world.
 The fourth part of the book is devoted to a
 description of the various countries and
 peoples which have been known to man
 since the beginning of the world.

GALATÉA EGLOGA.

SEGUNDA PARTE.
DO MESMO AUTHOR.

INTERLOCUTORES.
GALATE'A, LAURINDO, A'CIS.

GALATEA
EPILOGA

SEGUNDA PARTE
DO MESMO AUTOR,
EM TRÊS VOLUMES
CATALAN, BARCELONA, 1842

GALATÉA

EGLOGA.



A BELLA, incomparavel Galatéa,
 A Ninfa tutellar, gloria d'Aldea
 O seu Ácis perdido busca afflicta:
 Corre, examina, geme, chora, e grita:
 » Ácis! Ácis! Meu bem! Onde te escondes?
 » Eu rouca de chamar-te, e não respondes?
 » Se nas margens do rio por ti elamo,
 » Mais foge o rio, quanto mais te chamo;
 » Se á fonte vou teu nome repetindo,
 » Ella vai murmurando, e vai-se rindo.
 » Só este monte de me ouvir magoado,
 » Se eu te chamo, elle chama, e tu calado!
 » Ah meu Ácis! meu bem, se inda tens vida,
 » Soccorre esta, que he tua, affás perdida.
 » E se aos campos Elyzios já partiste,
 » Lá verás breve a Galatéa triste.
 » A ti me ha de ligar a morte crua;
 » Pois tu es a minha alma: eu alma tua.

L A U.

LAURINDO.

Que vozes, ternas vozes tão sentidas.
Os montes ferem de afflicção nascidas!

GALATEA.

Ah Pastores, que alegres, divertidos
Cantais ao triste som dos meus gemidos!
Se este pranto vos move á Caridade,
Deparai-me o meu Ácis, por piedade.

LAURINDO.

A voz he de mulher, que ao longe grita.
Quem podera valer á triste afflicta!
Os duros éccos, que este valle atroão,
Se não me engano, desta encosta soão.
Eu vou por este pedregozo atalho
Ver, se encontro, quem he, ver se lhe valho.

GALATEA.

Ah! Ninguém já responde aos meus clamores?
Já não acho piedade nos Pastores?
Mísera Galatée! A que chegaste,
Depois que amor no coração geraste!
Mas ah! Se não me engana a mata espessa,
Hum homem para mim o passo apressa!
He Pastor: quem será? Não vejo tanto,
Pois me escurece a vista o grosso pranto.
Será o meu bom Ácis? Se elle fôra,
Huma nova alma eu concebera agora.
Ácis! Ácis! Es tu? Responde, fala:
Ou não he elle, ou não me estima, e cala.

LAURINDO.

He Pastora; e se não me engana a idea

Pe-

Pelo gentil semblante he Galatéea.

GALATEA.

Ah! Já vejo: já estou desenganada;

Que o meu Ácis não he. Ó desgraçada!

LAURINDO.

Galatéea, que tens? Tu, que algum dia

Semeavas os campos de alegria,

Hoje com pranto, e vozes, que enternecem

Murchas as plantas, que ao teu rizo crecem!!

GALATEA.

Feliz foi esse tempo; porém hoje

De mim (qual rez ferida) o prazer foge.

Mas dize-me, Laurindo, acazo viste

O meu Ácis, por quem suspiro triste?

LAURINDO.

Ha dias, que o não vi; mas que motivo

Banha o teu lindo rosto em pranto activo?

GALATEA.

Eu te mostro a origem, que ao mostrála,

No triste peito o coração me estála.

Ha tres dias..... O' dias de amargura,

Mais negros para mim, que a noite escura!

Quando o Sol hia ver outro Orizonte,

Deixando triste o rio, o valle, o monte:

Meto o fuzo na róca, o gado chamo:

Para o pobre curral: vem ao reclamo:

Conto as cabeças, falta-me a Ovelhinha;

Que eu estimava mais, que as mais, que eu tinha,

Por brincadora, esperta, e taõ malhada,

Que parecia com pincel pintada.

Tinha-me tanto amor, que se eu gemia,
 Ella então nem brincava, nem comia.
 Mas se me via alegre, ou se eu cantava,
 Ella ao meu lado de prazer saltava.
 Eu afflicta a busquei té junto ao Tejo;
 Quando na margem o meu Ácis vejo.
 Corre a ver-me, e no rizo amor explica;
 Porém vendo-me afflicta, afflicto fica.
 Pergunta-me a razão: conto o successo,
 E que procure a minha rez lhe peço.
 Elle me diz então com vozes ternas,
 Vozes, que esta alma ha de guardar eternas:
 » Ah! Não chores, meu bem, minha alegria,
 » Em cujos olhos brilha a luz do dia:
 » Se os encobres com pranto, e mágoa enorme,
 » Queres, que o dia em noite se transforme?
 » Fugio-te a tua Ovelha: eu ta procuro;
 » E por teus lindos olhos eu te juro,
 » Que se ella viva está, e eu souber della;
 » Inda que arrisque a vida, hei de trazê-la;
 » Mas se baldado for o meu empenho,
 » Das minhas escolhe huma, ou quantas tenho.
 E com tão terno amor me enchuga o rosto,
 Que me leva metade do desgosto.
 Quiz partir: dava hum passo: então parava,
 Como que em mim seu coração deixava.
 Partio; e a cada passo... (ó que retiro!)
 Voltava para mim, dava hum suspiro;
 Que o coração presago lhe dizia,
 Que era a ultima vez, em que me via.

E bem se verifica (ó Ceos! Conforto!)
Que não me ha de ver mais, porque he já morto.

L A U R I N D O.

Acis morto! Que dizes Galaréa?

Isso he certo, ou te engana a falsa idea?

G A L A T E A.

Eu te exponho a razão, em que me fundo.

Quem vio (O' Deozes) scena igual no Mundo!

Acis partio: passarão-se dois dias,

Dias de mágoas, noites de agonias;

Em cada instante, que elle me tardava,

Mil desgracas a idea me pintava.

Porém hoje no valle d'azinheira,

Junto á ponte da plácida ribeira,

Debaixo de hum cipreste levantado,

Copia de mim, eu vigiava o gado;

Se bem, que pouco vigiar podia,

Quem de chorar já quasi nada via.

Cançada de lutar com meu tormento,

Meu unico, amargozo mantimento,

A affligida cabeça ao tronco encoflo,

E sobre a curva mão inclino o rosto.

O somno, que ha dois dias meu não era;

Veio piedozo, que antes não viera!

Pois me fez ver em sonho... O' que desgraca!

A cauza desta dor, que me transpassa.

Eu vi... triste vizão! Que além da ferra;

Por hum dos regos da lavrada terra,

Hia o meu Acis triste, suspirando,

Com prompta vista a minha rez buscando;

Qu

Outras vezes, olhando para a Aldea,
Clama fauloso: » Ah minha Galatée!
Quando de entre hum pinhal... de o dizer tremo!
Sahe o bárbaro, o monstro Polyfemo.
Toma-lhe o passo, e n'um trilhado estreito
Com dardo agudo lhe traspassa o peito:
Clamando: » Morre, vil, morre, inimigo,
» Que inda mereces mais cruel castigo.
» Chama agora o teu bem, chama a fingida,
» Grita por ella, que te torne a vida.
A' violencia do golpe, o desgraçado
Solta do peito afflicto hum ai magoado.
Trémulo, curvo, com a mão convulsa
O peito aperta, donde o sangue pulsa:
Quer sufter-se, não póde, a força falta:
A mão sólta do peito, o sangue salta:
Vai vergando, e cahindo: hum tronco agarra:
Este se quebra, o fraco pé lhe esbarra:
E sobre hum mar de sangue da ferida
Cahe exhalando a precioza vida.
Com vista incerta, os olhos vidracentos,
Trémula a voz, sem cor, já sem alentos;
Exclama, em fim, nas mãos da morte feia:
» Valei-me, Ceos, adeos ó Galatée.
E soltando hum suspiro, os olhos ferra:
Ferindo as plantas, magoando a terra.
O' Deozes! Inda incerta esta desgraça;
He qual farpão, que o peito me traspassa;
E se he certa, mandai, que a dura morte
Sobre mim venha, e descarregue o corte:
Mo-r

Morreo A'cis por mim, por elle eu morra :
Qual do seu, do meu peito o sangue corra.

LAURINDO.

Mísera Galatéa, enxuga o pranto,
Que hum sonho falso não provoca a tanto.

GALATEA.

Este sonho, a demora, e Polyfemo,
Tudo me affusta, e a desgraça temo.

LAURINDO.

O sonho intimidar-te não devia
Por ser falsa illuzão da fantazia.

Do Pastor a demora, que te affusta,
Tambem póde nascer de cauza justa.

Se temes Polyfemo, o susto afasta :
Comigo vive : eu nunca o deixo, e basta.

E dês de que o domei por teu respeito,
Tudo, que eu mando, que elle faça, he feito.

Piza, piza a teus pes essa agonia :
Faze, que a fonte com teu rizo ria.

GALATEA.

Tu destroes em parte o meu desgosto ;
Mas não consegues ver-me enxuto o rosto :

Não : fazer, que esta setta não me fira,
Só póde o meu Pastor. Ah ! Quem o vira !

So podem os seus olhos engraçados
Dar vista aos meus já cegos, e cançados.

Mas temendo o rancor de Polyfemo,
As proprias sombras dessas plantas temo.

LAURINDO.

Do triste Polyfemo o rancor deixa :
Tu

Tu foste a cauza, e fo deti te queixa.

GALATE'A.

A cauza fui! Eu sou fera impéttada,
Que fizesse aquella alma invenenada?

LAURINDO.

A cauza foste, sim, porque o amaste,
E por A'cis, sem culpa, o desprezaste.

GALATE'A.

Pelos Deozes do Olympo Soberano
Juro, que nunca amei tal monstro infano.

LAURINDO.

Pois se he certo, que amor não lhe tiveste,
Porque falsas promessas lhe fizeste?

GALATE'A.

Porque assim o meu A'cis defendia
Da vingança, que o vil lhe promettia.

LAURINDO.

Ah! Pois quiz com violencia... (que loucura!)
Gerar amor, que nasce da ternura!

GALATE'A.

Sim, com rigor queria, que o amasse,
E que o meu peito ao meu Pastor fechasse.

Clamando irado assim: » Cruel Pastora,

» Tu desprezas soberba, a quem te adora?

» Es toda do teu A'cis? Pois discorre,

» Que ou tu has de fer minha, ou Acis morre.

» Dize, resolve já, ou vou matálo;

» E o coração aos olhos teus mostrálo.

Eu ante o monstro vil de crueldade,

Que não céde á razão, nem á piedade,

Ro-

Rogo-lhe compaixão: não se entenece:

Choro humilde a seus pes: mais se embravece.
Eu delirava neste lance forte

De dar ao triste a vida, ou dar-lhe a morte.
Acis morrer por mim, sendo inocente!

Não, por livrá-lo fiz-me delinquente.

Com o Tyranno uzei de ideas novas

Para dar-lhe de amor fingidas provas;

Mas o meu firme peito era impossivel,

Que abrisse a porta áquelle bruto horrivel.

Se nisto te agravei, Ácis desculpa;

Se eu delinquente fui, foi tua a culpa.

LAURINDO.

Não chorês, virtuosa Galatêa:

De ti fazia mui diversa idea;

Bem que eu não figo as linguas venenozas,

Que as mulheres so tratão de aleivozas:

Sei, que muitas o são, sim, não duvido,

Pelos cazos, que vejo, e tenho ouvido;

Mas contem-se as traições d'ellas, e d'elles,

Se acharem nellas mil, ha dés mil nelles.

Tu, exemplar Pastora, mostrar queres,

Que es a gloria, o modelo das mulheres:

Que os falsos homens podes doutrinalos;

E com teu mesmo exemplo envergonhálos.

Vai-te em paz, vai guardar teu manfo gado:

Do teu Ácis feliz da-me o cuidado,

Que eu irrei procurá-lo: em mim confia,

Que hei de tornar-te a noite em claro dia.

GA.

GALATEA.

Ah piedozo Laurindo! Se tal fazes,
A hum corpo morto nova vida trazes.

ACIS.

Que triste vejo a serra, o valle, o monte!

O rio páfma, corre turva a fonte.

Sim, sem a minha amavel Galatéea

A clara luz do sol he triste, e feia.

Mas onde te acharei, gentil Pastora,

Para clamar então: Já vejo a Aurora!

Aves, tornais o canto em agonia

Porque vos falta a Mestra d'armonia?

O Ceo com ella adoce o meu tormento,

Tereis nova lição, e eu novo alento.

Mas ah! Que vejo! Que gentil Pastora!

Parece Galatéea! Ó feliz hora!

Não, não me enganés, lizongeira idea.

N'altura... em trage... em gesto... he Galatéea,

Que está banhando em pranto o lindo rosto:

Eu corro, eu vou tornar-lhe a mágoa em gosto.

GALATEA.

Ácis, se es vivo, sorte igual não tive.

ACIS.

Inda o teu A'cis dos teus olhos vive:

GALATEA.

Ah! Que vejo! A'cis! Ceos! Será mentira?

ACIS.

He verdade; o teu A'cis sou: respira.

GALATEA.

O' Providentes Ceos! Deozes Clementes,

Que

(43)

Que assim curais as chagas dos viventes!

ACIS.

Tu choras! He de gosto, ou de agonia?

GALATEA.

Chorei de mágoa, agora de alegria.

ACIS.

Tu choravas por mim! Mereço eu tanto?

GALATEA.

Vê bem o estrago, que em mim fez o pranto.
Estes olhos, que ru chamavas bellos,
Hoje magoados fugirás de velos.

ACIS.

Assim mesmo são dois lindos diamantes,
Que inda eclipsados, sempre são brilhantes.
Mas dize, Galatéa, que motivo
Acendeo esse fogo tão activo?

GALATEA.

A auzencia de tres dias (longos dias!)
De lagrimas, de lustos, de agônias;
E mais que tudo hum sonho feio, horrivel,
Que o não matar-me, não parece crível:
Sonho cruel, que me pintou na idéa
A desgraça maior, scena a mais fea:
Que o monstro Polyfemo te arrancára
A amavel vida, que esta vida ampára.

ACIS.

E crédito lhe deste, sendo esperta?

GALATEA.

Sim, que a má nova quazi sempre he certa.

L A U R I N D O.

Se eu não corro a tirála da vareda ,
N'algum despenhadeiro achava a queda.

G A L A T E A.

Laurindo nos meus males tomou parte ;
E até por compaixão quiz ir buscar-te

A C I S.

Bom amigo , e bom Mestre , as sãas doutrinas
Tu com virtuozo exemplo nos ensinas :
Tu semêas os campos de equidade ,
Nós colhemos os frutos da piedade.

L A U R I N D O.

Huns para os outros ser-mos bons devemos :
Todos fomos irmãos : de hum Pai nascemos :
Se hum errar , deve o outro encaminhálo :
Se hum cair , deve o outro levantálo.

G A L A T E A.

Perdoa , que eu atalhe o teu conselho ,
Proprio de hum Sabio , Virtuozo , e velho .
Dize , meu Ácis , dize , por clemencia ,
Qual foi a cauza de tão longa auzencia ?

A C I S.

Foste tu : foi o amor , e foi o empenho
De trtzer-te a Ovelhinha , a qual já tenho :
Ao cazal ta levei ; mas sem achar-te ;
Pois vieste a buscar-me , eu vim buscar-te.

G A L A T E A.

Achaste a minha Ovelha ! Ah ! Onde estava ?
Bem que cú por ti nem della me lembrava.

(45)

A C I S.

Vizinhos campos, as distantes terras,
 Amenos valles, escabrózas ferras,
 Tudo corri. examinei xoupanas,
 Pobres Aldeas, rusticas cabanas.
 Perguntei aos campinos, Lavradores:
 Rebanhos espreitei: busco aos pastores:
 Todos dizem: » Não vimos, não sabemos:
 » Nem leve rasto deffa Ovelha temos.
 Eu de perdêla já defenganado,
 De mágoa afflicto, de buscar cançado,
 Voltar queria a ver teu lindo rosto;
 Mas dava gosto a mim, e ati desgosto:
 Eu a dor da faudade em mim curava;
 Mas na má nova nova dor te dava.
 Nisto pensava triste, e vacilante,
 Quando escuto berrar pouco distante:
 Parto, gyro, procuro; em vaõ procuro;
 Pois nada vejo: vejo hum bosque escuro;
 Que o sol formozo nunca vio por dentro:
 Corro, o bosque examino; e la no centro
 Vejo hum pobre roupeiro esfrangalhado,
 Dormindo; e a Ovelhinha preza ao lado.
 Eu, que a vejo, e conheço, ó que alegria
 Eu teu obsequio a minha alma enchia!
 Com lentos passos vou mui manso andando,
 O sussurro das plantas receando,
 Se bem que o vento amigo me valia;
 Pois nem das folhas o brincar se ouvia.
 Chego ao ladrão: observo, que em soccego
Dor-

Dorme roncando : na Ovelhinha pego :
 Sobre os hombros a ponho, e vim fugindo ;
 Do furto alegre, de alegria rindo.
 Trepando huma deserta ribanceira,
 Oíço hum grito, ólho atrás, vejo á carreira
 Seguindo-me a gritar o vil roupeiro :
 » Ó ladrão ! Larga a Ovelha ! Ó ratonciro !
 Eu, que vejo o meu crédito infamado,
 Páro, e com ira mostro-lhe o cajado.
 Prudente parto : segue-me as pizadas :
 Torço a vareda, corre-me ás pedradas :
 Dellas me afasto ; e por final projecto
 Na leve funda grossa pedra meto.
 Agito a funda : corro então mais perto :
 Desparo a pedra, no vil peito acérto.
 Fica o ladrão sem tino : quer fuster-se :
 Não póde : cahe : forceja para erguer-se :
 Outra vez cahe de costas : vai rolando :
 Pega-se ás pedras ; mas em vão pegando,
 Que as mesmas pedras, em que busca abrigo
 Rólão sobre elle por maior castigo ;
 E despenhado assim pela barreira
 Vai té parar na margem da ribeira.

GALATEA.

Ah ! Que dizes ! Mataste o desgraçado ?

A CIS.

Não ficou morto, não, mas maltratado.
 Eu vi... com quanta dor o estive vendo !
 Cahio mortal ; depois se ergueo gemendo.
 Olhou-me então com iras, e ameaços ;

E

E tremulo partio com lentos passos.

GALATEA.

Tu, que es no coração manso cordeiro.

Hoje tornado em lobo carniceiro!

ACIS.

Eu cordeiro não sou; porém se o fôra

Tornar-me em lobo foi preciso agora.

LAURINDO.

Castiga-nos o Ceo, se nos viogamos;

Mas tambem quer, que a vida defendamos.

ACIS.

Se mais piedade do ladrão eu tinha,

Nem eu era já teu, nem tu já minha.

GALATEA.

Se a amavel vida o ímpio te roubava;

N'uma só morte duas mortes dava.

ACIS.

Effes extremos no meu peito os guardo

Para atear de amor o fogo, em que ardo.

Vamos, vamos, formoza Galatéa,

Alegar com teu rosto a triste Aldea:

A Aldea, que por ti chorava agora,

Qual bom Filho, que a Mãi perdida chora.

GALATEA.

Chora a Patria por mim? Quanta amizade

Devo aos bons, que se nutrem da piedade!

LAURINDO.

Es bella, e inda mais bella por virtuoza;

Que a Virtude inda a fea faz formoza.

Porém vê, que a Virtude cultivada,

Cresce

Cresce , bem como a planta , que he regada ;
Mas se falta a cultura , vai murchando ;

E qual planta sem agoa vai secando.

Hide : abençoação do Ceo sobre vós desça :

Aos vossos olhos branda relva cresça ;

E nella apascenteis grossas manadas

De prenhes Vaceas gordas , e malhadas.

Tantas as cabras , tantos os cordeiros ,

Que enchão os valles , enchão os osteiros.

Hide , que he longe a Aldea : hide , que he tarde :

O Ceo vos abençoe , o Ceo vos guarde.

Abençoação gere em vos dois bons Espozos ,

Que frutos dem ao Ceo , frutos ditozos.

A C I S.

Adeos , meu bom Pastor , meu caro amigo ,

Gloria dos campos , deste povo abrigo.

G A L A T E A.

Essa benção do Ceo , que em nós dezejas ,

Sobre tudo , que he teu , sobre ti vejas.

Acis , vamos aqui pelo serrado ,

Que he mais perto , he mais doce , e he povoado.

A C I S.

Vamos cortando por entre estas faias :

Dá cá a mão : falta o rego : olha , não caias.

Tu saltas mais , do que eu : es bemligeira !

G A L A T E A.

Se eu quizer não me apanhas na carreira.

Que farão hoje ao ver-me de contentes

As amigas , vizinhos , e os parentes ,

Que ao verem-me vagar so , sem conforto

Julgar-me-hão morta, por julgar-te morto?

A' C I S.

Se o bem nos foge, atea-se o desgosto :
 Torna o bem, morre o mal, renasce o gosto.
 Tu verás nas pastoras desgrenhadas
 Olhos feridos, faces desmaiadas.
 E ao ver-te, o rizo, e pranto misturando,
 Humas ás outras com prazer chamando :
 Todas para te verem correm, voão :
 Vivas, applauzos pelos ares foão.
 Huma te beija a face alva, e rozada,
 Que a faz com pranto feu roza orvalhada.
 Outra te enfeita as tranças graciózas
 De myrto, e cravos, de jasmims, e rozas.
 Verás, que ao som das Lyras vem cantar-te
 A mágoa de perder-te, o bem de achar-te.
 Verás, como os chorózos innocentes,
 Quando te virem, brincarão contentes.
 Verás a fonte, que turbada a vejo,
 Correr alegre a dar a nova ao Tejo.
 Verás o Tejo, que sem ti bramia,
 Quão plácido vem ver-te á praia fria.
 Verás o Melro, o Rouxinol suave
 Convertendo a tristeza em canto grave.
 Verás saltando os tenros Cabritinhos
 Alegrem os tristes Cordeirinhos,
 Verás curvar-se o tronco a dar-te as frutas ;
 Correr o rio, vir trazer-te as Trutas.
 Hoje farás feliz ; farás contente
 A Aldêa, o rio, a fonte, o gado, a gente.

G A-

GALATEA.
Feliz me fazes tu: viver me fazes:
Aos meus bons dias novos dias trazes:

ACIS.
Como posso eu fazer a alguém ditozo,
Quando só por ser teu, sou venturozo?

Sem ti ruffico sou, humilde, e pobre:
Contigó fabio sou, sou rico, e Nobre.

GALATEA.
Dêmos graças a Amor: Amor cantemos,
Que assim nos téce a Santa paz, que temos.

ACIS.
Sim, cantemos Amor: a voz levanta,
A voz sonora, com que Amor encanta.

GALATEA.
Amor me fez guerra:

Lutámos, venceo-me:
O peito rompeo-me
Para Ácis entrar.

Taes laços, taes settas
Devemos beijar.

ACIS.
Amor nos teus olhos
Forjou doce flexa:

Ferio-me: esta brexa
Tu sabes curar.
Taes laços, taes settas
Devemos beijar.

(51)

GALATEA

Ao ver-me ferida,
 Primeiro afustei-me,
 Depois alegrei-me,
 Amor fui cantar,
 Taes laços, taes settas
 Devemos beijar.

A CIS

Eu pude da setta
 Salvar o meu peito ;
 Não quiz : puz-me a geito,
 Deixei-a entranhar.
 Taes laços, taes settas
 Devemos beijar.

GALATEA

Depois de ferir-me
 Mostrou-me as algemas ;
 E diz-me : » Não temas
 » Quando eu tas lançar.
 Taes laços, taes settas
 Devemos beijar.

A CIS

Ferir-me, prender-me
 Não era preciso,
 Bastava hum teu rizo
 Hum teu brando olhar.

***** ii

Taes

Taes laços , taes settas
Devemos beijar.

GALATEA.

Amor , abre as azas :
Vem , prende estes braços ,
Que os teus doces laços
Não hei de quebrar.
Taes laços , taes settas
Devemos beijar.

A' CIS.

Sou prezo por gosto ,
Por honra cativo :
Por prezo he , que vivo ,
Qual peixe no mar.
Taes laços , taes settas
Devemos beijar.

GALATEA.

Amor , chama as Graças ,
E o Santo Hymeneo ,
Que venhão do Ceo
Meu laço apertar.
Taes laços , taes settas
Devemos beijar.

A' CIS.

Tu chamas as Graças ?
Não clames por ellas ;

(53)

Pois Graças mais bellas
Em ti venho achar.

Taes laços , taes fectas
Devemos beijar.

GALATE'A

Basta : cançada vou : mais não cantemos :
Logo melhor n'Aldea cantaremos.

A' CIS.

Pois vai tu pela encoista d'esse monte,
Que a Lyra vou buscar : la faio á fonte.

GALATE'A

Não te demores lá , minha alegria.

A' CIS.

Já volto a ver-te , minha luz do dia.

GALATE'A.

Levas-me a vida , a joia mais perfeita.

A' CIS.

Em penhor d'essa vida esta alma acceita.

GALATE'A.

Em penhor ! Queres pois , que a restitua ?

A' CIS.

Não ; se essa vida he minha , esta alma he tua.

F I M.

Es-

*Esta obra vende-se na loja da Gazeta ; na de papel
de Jozé Antonio de Souza , á Boa-hora ; na de
Estampas de Francisco Manoel ; no fim da rua do
Passeio publico ; e nas dos Livreiros Jozé Gomes ,
á Patriarcal queimada ; Luis Jozé de Carvalho ,
defronte dos Paulistas ; Manoel Felis da Silva , na
Pampulha.*

